

Cenas de antropofagia

VILLAS-BÔAS CORRÊA*

Noves fora os destemperos verbais do governador Ciro Gomes e as encenações presidenciais do ministro Fernando Henrique Cardoso, o Congresso, nos últimos dias — qualquer que seja o resultado final da trapalhada —, conseguiu a proeza de exibir-se no picadeiro, executando piruetas patúscas, uma mistura de incompetência política, obtusidade de análise e a mais crassa ignorância das regras da campanha eleitoral, que ainda não começou mas interfere nas ambições e convicções dos carreiristas.

Se Fernando Henrique ajudou falando demais e expondo-se além da conta, o Congresso, nos passos da ginga contraditória de intercalar surpreendentes decisões com a rotina da mediocridade e da preguiça gazeteira, empenhou-se em tascar a candidatura prematura, lançando mão dos expedientes mais irresponsáveis.

Em primeiro lugar e antes de mais nada, o êxito do ministro Fernando Henrique, ou seu insucesso, só terá influência direta na disputa interna do PSDB, na hora da indicação do candidato partidário à sucessão de Itamar. E mesmo isso, lá para começos de abril.

Ninguém que consiga enxergar alguns palmos no nevoeiro acredita que, mesmo com a improvável aprovação integral do plano do governo de estabilização financeira, o ministro-candidato emplaque êxito tão retumbante que popularize seu sorriso e sua fluência verbal, criando do dia para a noite fenômeno eleitoral de carisma diabólico, capaz de levar de roldão a Lula e aos demais pretendentes que patinam em magros índices nas pesquisas.

Portanto, se a candidatura está verde para ser colhida, as pedras atiradas para derrubá-la parecem travessura de moleques que estragam frutas só para atazanar o vizinho.

Os esboços do quadro sucessório, nos rabiscos iniciais, projetam para a arrancada do primeiro turno, com feitiço de classificatório, a candidatura de Lula, alinhando-se como favorita, e a absoluta imprevisibilidade quanto ao adversário para a decisão no segundo turno.

Mesmo Lula não atravessa fase brilhante. Por mais léguas que percorra nas caravanas do voto, por mais que navegue nas águas do rio Amazonas, as pesquisas advertem que seu índice empacou nos 30% de folgada liderança. Na última rodada do Ibope, apesar da confusão armada com a divulgação incompleta dos resultados, caiu de dois a três pontos, conforme a simulação. Não despençou; deu uma balançada na primeira inversão da inclinação de voto.

Mas Lula está à vontade, por enquanto, na corrida particular pela classificação do candidato à esquerda. A barafunda grassa da outra banda. O centro, ou

centro-esquerda — se preferem, o lado de lá —, não consegue articular candidatura de liquida viabilidade eleitoral. Lideranças e pretendentes batem cabeça com cabeça, no minueto de nomes dos mais diversos calibres, alguns até respeitáveis, mas que não vingam, não inflam nas pesquisas, perdem forças antes de alçar vôo, sacudindo asas no desespero dos 10%, quando não baixam para a desmoralização do dígito único.

Não há, portanto, nenhum projeto de candidato que ameace implodir para disparar na frente da fita de largada, com corpos de vantagem. No balaio centrista sobram ambições na inflação de tolice; falta o candidato. Isso, bem entendido, apenas para a partida. Porque a decisão do primeiro turno só acontecerá mais adiante, nos 60 dias finais do horário de propaganda eleitoral em rede nacional de rádio e televisão.

Na aflição parecida com a do afogado com água pela canela, algumas lideranças de notória experiência estão se perdendo na desfrutável encenação de alianças no primeiro turno para a composição da frente anti-Lula.

Com franqueza, isso não pode ser coisa séria. Não existe a mais remota possibilidade de aliança entre dois partidos, entre os 11 que podem lançar candidato à Presidência para a campanha do primeiro turno.

Experiência ajuda a decifrar charadas que embatucam principiantes. Vá lá a historinha didática. Nos remotíssimos idos de 60 — há 33 anos e meses —, a fervente campanha presidencial, no ensaio de racha ideológico, confrontou Jânio Quadros, sua oratória entusiasmante, sua magreza de flagelado, o carisma da vassoura, símbolo falso do moralismo de comício e o espigado marechal Lott, mais pesado de carregar que caixão de americano gordo. Entre parênteses: americano quando dá para engordar, entupido de molhos e sanduíches, arredonda em banha fofa, balouçante, molenga, deformante.

Quem deu um jeitinho ficou com Jânio, a certeza do puxador de votos. Na campanha simultânea para governador do Rio Grande do Norte, a UDN rachou ao meio. O então governador Dinarte Mariz sustentou a candidatura de Djalma Marinho; a dissidência udenista apoiou a candidatura vitoriosa de Aluizio Alves.

Jânio marcou visita a Natal e pousou no aeroporto, a bordo do DC-3, com reduzida comitiva. Não pôde descer. Por mais de hora esperou no avião, sob calor sufocante, que Castilho Cabral negociasse com as metades desavindas a fórmula de comparecimento aos dois comícios.

Jânio subiu aos dois palanques, discursou, não apoiou candidato ao governo estadual. Desagradou aos dois lados: Dinarte ameaçou romper, acomodou-se.

O caso ilustra as insuperáveis dificuldades para compor alianças de cúpula e que esbarram na resistência das rivalidades estaduais. Até entre alas do mesmo partido. Imaginem de lendas diversas e inimigas.

É isso aí. O Congresso está desestabilizando o governo, destroçando o plano econômico antes de ser testado, para derrubar candidato errado: FHC, por ora, é apenas aspirante a candidato dos tucanos.

destroça o plano apenas para derrubar a candidatura de Fernando Henrique.

O Congresso